

DOI: 10.46943/V.CINTEDI.2024.02.021

CORREÇÃO TEXTUAL NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA: PERSPECTIVAS E PRÁTICAS EM LÍNGUA PORTUGUESA

Priscila Nunes Brazil¹
Maria Thaís de Oliveira Batista²

RESUMO

Neste estudo, empreendemos uma análise detalhada do processo de correção textual em uma dissertação argumentativa produzida por uma estudante do ensino médio na rede pública de ensino da Paraíba. Sob a ótica da escrita compartilhada e autônoma, no contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa, nossa metodologia fundamenta-se no estudo de caso e na coleta documental, originada na produção das dissertações argumentativas que exploram os reflexos da pós-modernidade e a maquinização do homem. Os resultados destacam a notável contribuição da professora, que emprega três abordagens distintas durante o processo de correção textual. Em consonância com as orientações de Serafini (2001) e Ruiz (2010), a professora utiliza a correção textual indicativa, apontando possíveis melhorias e ajustes no texto; a abordagem resolutive, sugerindo soluções específicas para as falhas identificadas; e a abordagem textual-interativa, promovendo diálogo e colaboração durante a correção. No âmbito da educação inclusiva, essas abordagens desempenham um papel crucial ao personalizar a correção textual e fomentar a interação entre professor/a e estudante. Essa personalização não apenas atende às necessidades individuais de aprendizagem, mas também fortalece a autonomia dos estudantes. Essa abordagem personalizada é essencial para a inclusão, reconhecendo e respeitando as diversas formas de

-
- 1 Mestra em Linguagem e Ensino pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: pri_nbrz@servidor.uepb.edu.br.
 - 2 Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Professora da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB). Email: thaisoliveira@servidor.uepb.edu.br.

aprender e desenvolver habilidades linguísticas. Aprofundar as análises linguísticas em âmbito escolar não apenas contribui para a formação de docentes e discentes, mas também oferece perspectivas valiosas na promoção da inclusão em Língua Portuguesa na rede pública de ensino. Destacamos, portanto, a importância prática desse processo no contexto escolar, especialmente no âmbito da escrita.

Palavras-chave: Educação Inclusiva, Língua Portuguesa, Escrita, Correção Textual.



DIÁLOGOS INICIAIS

Há muitas discussões a respeito do ensino da escrita na sociedade, uma vez que um dos múltiplos desafios a serem enfrentados pela escola é o de auxiliar os/as alunos/as a se tornarem/reconhecerem como escritores criativos, reflexivos e habilitados a agir com autonomia nas sociedades letradas. Esta pesquisa, nesse sentido, fundamenta-se em teóricos que discutem a questão da escrita na sociedade, com o objetivo de favorecer um maior aprimoramento do tema abordado, especialmente no contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa. Prioriza-se, assim, a criação de um espaço para a ampliação das reflexões necessárias, partindo do levantamento de questões que possam fomentar diálogos significativos sobre o assunto.

Ao investigar o processo de correção textual em dissertações argumentativas no contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa, destacamos a importância de práticas pedagógicas que promovam a interação e a personalização do ensino, alinhadas aos princípios da inclusão. A adoção de abordagens como a correção textual indicativa, apontando possíveis melhorias e ajustes no texto, a abordagem resolutiva, sugerindo soluções específicas para as falhas identificadas, e a abordagem textual-interativa, promovendo diálogo e colaboração durante a correção, são fundamentais. Essas práticas, embasadas em autoras como Serafini (2001) e Ruiz (2010), demonstram como a personalização das correções pode atender às necessidades individuais dos estudantes, contribuindo para o desenvolvimento de suas habilidades linguísticas e fortalecendo sua autonomia.

Além disso, ao considerar os princípios da inclusão educacional, incorporamos também as perspectivas de autores como Ferreiro (2001), Vygotsky (1984) e Macedo (2005). Eles destacam a importância de práticas inclusivas que reconheçam e respeitem as diversas formas de aprender e se expressar, enriquecendo assim o ambiente escolar e promovendo uma educação mais equitativa em Língua Portuguesa na rede pública de ensino.

Dessa forma, este estudo não só aborda os desafios do ensino da escrita, mas também propõe soluções práticas e teóricas para superá-los, destacando a importância de práticas inclusivas na educação contemporânea. O objetivo deste trabalho é, portanto, discutir as estratégias empregadas pela docente em exercício da disciplina de Língua Portuguesa durante a correção do texto de uma aluna, refletindo sobre a importância de uma correção que incentive

o/a aluno/a a refletir criticamente sobre seu próprio texto e o motive a melhorar suas limitações e reconhecer seus avanços frente à produção de gêneros discursivos.

TESSITURAS TEÓRICAS

O processo de correção textual desempenha um papel crucial na produção de qualquer texto, proporcionando ao professor a oportunidade de oferecer contribuições teóricas significativas. Segundo Serafini (1989), existem três principais abordagens de correção textual: *indicativa*, *resolutiva* e *classificatória*. Cada uma dessas abordagens envolve intervenções específicas do professor para apontar as questões do texto, permitindo-lhe estabelecer critérios pessoais para avaliação. Esse aspecto subjetivo resulta em diversas maneiras de avaliar um texto.

Baseado na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), o processo de reescrita é essencial, demandando que tanto o/a professor/a quanto o/a aluno/a desenvolvam a habilidade de identificar e resolver problemas textuais com base em conhecimentos linguísticos e nas competências esperadas para cada etapa de ensino. A BNCC (Brasil, 2017) enfatiza a importância da escrita como fundamental para o desenvolvimento pleno dos estudantes, promovendo a reflexão crítica e a comunicação eficaz.

Nesse intento, Serafini (2001, p. 108) estabelece seis princípios fundamentais para a correção textual. Os *três primeiros* visam métodos eficazes de correção: a correção deve ser clara, os erros devem ser agrupados e catalogados, e o/a aluno/a deve ser incentivado a revisar e compreender as correções. O *quarto princípio* destaca a importância da reflexão do aluno sobre as correções realizadas, sugerindo uma abordagem de correção focada em poucos erros por vez. Os *dois últimos princípios* enfatizam a postura do professor: ele deve aceitar o texto do/a aluno/a e adaptar a correção à realidade individual do estudante.

Segundo Serafini (2001), muitos professores tendem a oscilar entre duas abordagens principais de correção textual, *indicativa* e *resolutiva*, refletindo sobre como essas práticas influenciam o aprendizado dos alunos e a qualidade dos textos produzidos.

A *correção indicativa* consiste em limitar o professor a indicar palavras, frases e períodos inteiros que apresentam erros ou são confusos. Geralmente

esses erros são ocasionais e localizados como os ortográficos e os lexicais. Esse tipo de correção não respeita nenhum dos três princípios de correção eficaz, sendo por vezes ambígua e sem uma classificação precisa e fazendo com que o aluno não encontre soluções em seu texto. O segundo tipo de correção mais utilizado pelo professor denomina-se *resolutiva* que se preocupa em corrigir todas as inadequações encontradas no texto, reescrevendo palavras, frases e períodos inteiros. A *correção resolutiva* muitas vezes acaba por resolver o problema do/a aluno/a ao apresentar um modelo específico de texto considerado como o único aceitável, negligenciando outros modos de expressão que poderiam ser igualmente válidos. Isso evidencia a interferência significativa do professor no texto do aluno, impondo suas próprias opiniões e limitando a liberdade criativa do estudante. Tanto a correção indicativa quanto a resolutiva são vistas por Serafini (2001) como atitudes descritivas, abordando o erro ao descrevê-lo ou ao fornecer uma solução direta.

Dependendo do caso, o professor pode, com esse tipo de correção, ultrapassar aspectos superficiais e tornar-se, de fato, o escriba do/a aluno/a em processo de aprendizagem da escrita. Isso pode ser necessário quando o/a aluno/a, por conta própria, não conseguiria resolver os problemas textuais ou levaria muito tempo para fazê-lo.

Uma terceira abordagem de correção textual, chamada *classificatória*, busca uma classificação não ambígua dos erros no texto, visando à correção dos mesmos. Essa prática respeita os princípios fundamentais de uma boa correção, pois não é ambígua e permite o agrupamento e catalogação dos erros identificados. A correção classificatória incentiva, de certa forma, a reescrita do texto, uma vez que o professor adapta essa classificação ao nível de compreensão do/a aluno/a, estimulando-o a refletir sobre os erros presentes no texto. Essa abordagem é descrita como uma atitude operativa, pois se mostra mais útil para o aluno na reflexão sobre a construção textual.

No entanto, é importante questionar o conceito de “erro” adotado nesse contexto. Será que ele se refere apenas a aspectos relacionados à gramática normativa, ou também abrange fatores de textualidade, como coesão, coerência e adequação ao gênero textual? A compreensão ampliada do que constitui um “erro” pode influenciar significativamente as práticas de correção textual, tornando-as mais inclusivas e alinhadas aos objetivos educacionais contemporâneos.

Para complementar a classificação dos tipos de correção textual, Ruiz (2001), apresenta um quarto tipo de correção denominada *textual-interativa*, na

qual o professor, por meio de bilhetes, conduz o aluno a uma reflexão de forma interativa, em relação aos seus erros no texto. A *correção textual-interativa* possui a função de complementar as lacunas deixadas pelas outras correções, citadas, pois se trata de uma conversa com o/a aluno/a, que objetiva suprir as necessidades de orientação que ele/a tem, para a escrita de seu texto.

Autores como Ferreiro (2001), Vygotsky (1984) e Macedo (2005) contribuem para essa discussão ao enfatizar a importância de abordagens educacionais inclusivas. Ferreiro (2001), por exemplo, discute a construção do conhecimento escritural, destacando a diversidade de caminhos para a aprendizagem da escrita. Vygotsky (1984), por sua vez, enfatiza o papel da interação social e do desenvolvimento cognitivo no processo de aprendizagem, enquanto Macedo (2005) aborda a educação crítica, incentivando práticas pedagógicas que promovam a reflexão e a autonomia dos estudantes.

CAMINHOS METODOLÓGICOS

Neste estudo, realizamos uma análise do processo de correção textual em uma dissertação argumentativa produzida por uma estudante do ensino médio na rede pública de ensino da Paraíba. Adotamos uma perspectiva da escrita compartilhada e autônoma, dentro do contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa. Nossa metodologia fundamenta-se no estudo de caso e na coleta documental, utilizando como fonte primária a dissertação argumentativa que aborda os reflexos da pós-modernidade e a maquinização do homem.

Partimos da análise do texto produzido pela estudante, buscando compreender as práticas de correção adotadas pela professora em exercício e os impactos dessas práticas na aprendizagem. A escolha pelo estudo de caso permite uma investigação contextualizada, enquanto a coleta documental nos proporciona dados concretos e representativos das dissertações produzidas nesse contexto específico.

Este estudo adota uma abordagem metodológica baseada no estudo de caso e na coleta documental para investigar o processo de correção textual no contexto educacional. Segundo Yin (2018), o estudo de caso é particularmente adequado para investigações profundas e contextualizadas, permitindo uma análise detalhada de fenômenos complexos dentro de seu ambiente natural. Ao focar nas práticas de correção textual em um ambiente escolar específico da rede pública da Paraíba, este estudo busca capturar as nuances e

particularidades das interações entre professores e alunos durante o processo de aprendizagem da escrita argumentativa.

A coleta documental, por sua vez, é essencial para reunir dados provenientes das dissertações argumentativas dos estudantes, conforme defendido por Bogdan e Biklen (2007). Este método proporciona uma base empírica robusta ao analisar as produções escritas dos/as alunos/as como fonte primária de informações. A análise documental não se limita apenas à observação dos textos, mas também inclui a interpretação dos comentários e correções feitas pelos professores, oferecendo insights significativos sobre as estratégias pedagógicas utilizadas e seu impacto na qualidade da escrita dos/as alunos/as.

Além disso, a perspectiva da escrita compartilhada e autônoma, dentro do contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa, baseia-se nas ideias de Freire (2005) sobre a pedagogia libertadora e na importância da autonomia do/a aluno/a no processo educacional. Através dessa abordagem, busca-se não apenas melhorar as habilidades de escrita dos estudantes, mas também promover um ambiente de aprendizagem inclusivo que respeite e valorize as diversas formas de expressão e aprendizagem. Essa concepção é fundamental para a construção de práticas pedagógicas que não apenas corrijam, mas também auxiliem os/as alunos/as a se tornarem escritores críticos e reflexivos em suas comunidades educacionais.

Ao aplicar princípios de Educação Inclusiva, conforme discutido por autores como Ferreiro (2001) e Vygotsky (1984), buscamos entender como as práticas de correção podem ser ajustadas para atender às necessidades individuais de aprendizagem dos/as alunos/as. Através da análise documental das produções escritas dos estudantes, pretendemos não apenas identificar e corrigir erros gramaticais, mas também promover um ambiente educacional que valorize a diversidade linguística e cultural dos alunos, permitindo que eles expressem suas ideias de maneira inclusiva.

A metodologia também se fundamenta na perspectiva da escrita compartilhada e autônoma, reconhecendo a importância de capacitar os alunos para que se tornem escritores reflexivos e críticos em suas práticas discursivas. Segundo Macedo (2005), uma educação inclusiva deve não apenas acolher a diversidade, mas também promover o desenvolvimento de habilidades cognitivas e sociais através da escrita. Dessa forma, ao analisar as interações entre professores e alunos durante o processo de correção, este estudo busca identificar estratégias

pedagógicas que fortaleçam a autonomia dos estudantes e os preparem para enfrentar os desafios acadêmicos e sociais de forma colaborativa e inclusiva.

Macedo (2005) argumenta que a escrita não deve ser vista apenas como um meio de comunicação, mas como uma ferramenta poderosa para o pensamento crítico e a expressão individual. Ao adotar uma abordagem de escrita compartilhada e autônoma, os professores são incentivados a criar ambientes de aprendizagem onde os alunos sintam-se encorajados a explorar diferentes perspectivas e a desenvolver suas próprias vozes no texto. Isso não apenas enriquece a experiência educacional dos estudantes, mas também os prepara para participar de maneira significativa na sociedade pluralista e complexa em que vivemos.

Portanto, ao aplicar princípios de educação inclusiva na correção textual, é essencial que os educadores não apenas corrijam os textos dos alunos, mas também os capacitem para que se tornem participantes ativos no processo de aprendizagem. Essa abordagem não se limita a corrigir erros gramaticais; ela busca empoderar os alunos, oferecendo-lhes as ferramentas necessárias para expressar suas ideias de maneira clara, coerente e persuasiva.

A escrita compartilhada e autônoma também está alinhada com os princípios de construtivismo social de Vygotsky (1984), que enfatiza o papel das interações sociais na aprendizagem. Ao promover interações significativas entre professores e alunos durante a correção textual, os educadores podem facilitar o desenvolvimento de habilidades metacognitivas e críticas nos estudantes. Isso inclui a capacidade de refletir sobre suas próprias práticas de escrita, identificar áreas de melhoria e revisar seus textos de maneira colaborativa e orientada para o crescimento pessoal.

DIÁLOGOS ANALÍTICOS

A escrita é um ato complexo que transcende a simples transmissão de ideias por meio da linguagem escrita. Ela envolve não apenas a habilidade de organizar pensamentos de forma clara e coerente, mas também a capacidade de adaptar esses pensamentos ao contexto comunicativo e aos objetivos do texto. Nesse sentido, a abordagem adotada pela professora na correção textual não apenas identifica e corrige erros gramaticais, mas também promove uma reflexão profunda sobre o processo de escrita como um todo.

Ao reconhecer o texto como um processo dinâmico, a professora incentiva a aluna a não apenas corrigir seus erros, mas a revisar e reescrever seu texto com base em boas referências. Essa prática não se limita à superficialidade da gramática normativa; ela estimula a aluna a considerar como suas escolhas linguísticas e estruturais influenciam a compreensão e a eficácia do texto. Assim, a escrita não é vista apenas como um conjunto de regras a serem seguidas, mas como uma ferramenta poderosa para expressar ideias, provocar reflexões e influenciar positivamente o leitor.

Nesse contexto, a escrita ganha uma dimensão de aprendizagem contínua e colaborativa. A aluna não apenas corrige e reescreve seu texto sob a orientação da professora, mas também aprende a avaliar criticamente suas próprias escolhas linguísticas e estruturais. Esse processo não apenas a capacita a melhorar sua escrita individualmente, mas também a se tornar uma participante mais consciente e eficaz nas práticas discursivas mais amplas.

Além disso, a abordagem centrada na revisão e reescrita baseada em boas referências amplia as habilidades de leitura crítica da aluna. Ao estudar e incorporar modelos de escrita eficazes, ela não apenas aprimora sua própria produção textual, mas também desenvolve uma compreensão mais profunda das técnicas e estratégias que contribuem para a clareza, coesão e persuasão nos textos escritos.

É importante destacar que a escrita, dentro dessa perspectiva, não é um processo isolado, mas sim integrado a um contexto social e educacional mais amplo. A professora não apenas corrige erros, mas também orienta a aluna a considerar o público-alvo, o propósito comunicativo e as normas discursivas pertinentes ao gênero textual em questão. Isso significa que a escrita não é apenas um meio de expressão individual, mas também uma forma de participação ativa e responsável na comunidade acadêmica e social.

Por fim, a valorização das boas referências na correção textual não apenas fortalece a qualidade dos textos produzidos, mas também prepara a aluna para enfrentar desafios acadêmicos e profissionais futuros. Ela aprende a reconhecer e utilizar fontes confiáveis, desenvolve sua capacidade de argumentação e constrói uma base sólida para a comunicação escrita em diversos contextos.

Essa integração entre correção textual, revisão crítica e uso de boas referências não apenas aprimora a competência linguística da aluna, mas também promove um aprendizado significativo e autônomo que é essencial para sua formação como escritora e cidadã consciente.

A presente correção realizada pela professora adota uma abordagem que reconhece o texto como um processo dinâmico, incentivando a aluna não apenas a corrigir seus erros, mas a revisar e reescrever seu texto com base em boas referências. Vejamos:

obce apresenta ótimas referências! vale a pena assistir ao filme "HER". Encarava-se ao seu último parágrafo.

A - 1,0 D - 2,0
B - 1,0 E - 1,6
C - 1,5 F - 1,5

Atenção para a ausência de uma conclusão!

Nota: 8,6

Nome: _____ RM: _____
Semana: _____ Turma: _____ Unidade: _____

Atenção: Leia atentamente as instruções no caderno de questões antes de preencher essa folha.

A maquiagem do homem

O cinema mostra o ataque das máquinas de modo concreto: a criatura tenta dominar o criador de matéria física, palpável e real o papel de herói nos livros deve ser tratado como um Mafex e no Extremador do Futuro Todavia, a dominância na vida real é subliminar e consentida. Escolhemos mostrar nessa vida ao Big Brother de George Orwell, escolhemos carregar o celular junto ao corpo durante as 24 horas do dia.

O relacionamento homem-máquina pode apresentar vantagens e desvantagens que dependem da dose, mesma linha tem-se entre remédio e veneno. Pode-se usar a tecnologia para facilitar o trabalho, manter amizades ~~em~~ enriquecer a vida ou, para ver o mundo através da lente da câmera que, ~~para a foto a m~~ postada nas redes sociais. Hoje se prefere "telas" do que conversar pessoalmente. Isso desumaniza as reais interações humanas.

Erving Goffman disserta sobre a perda de valores da sociedade contemporânea. Nesta, os homens se desumanizam, se tratam, uns aos outros, como máquina e, pela lógica de mercado, temem a obsolescência e buscam a novidade desta maneira, não é difícil entender ~~por que~~ ^{por que} casamentos, amizades ou empregos não duram. **estude o uso dos porquês.**

A máquina, ao fazer a mediação entre os homens, passa a apresentar um status quase humano. O indivíduo tem necessidade de sua presença constante e surge um relacionamento homem-máquina. Por outro lado, a relação entre os pares da mesma espécie fica em segundo plano, torna-se vítima das conveniências, sem ~~afetiva~~ ^{afetiva} ~~afetividade~~ ^{afetividade}.

um breve, obscuro. Portanto, o homem se maquiagem.

Sugiro retirada. Ou diga que em sua um dos próximos passos da relação interpessoal, de acordo com o seu andamento ao longo do tempo.

Susane, este é um parágrafo de desenvolvimento. Além de você apresentar uma ideia nova (relacionamento homem-máquina), ela é argumentada. Fica, então, faltando uma conclusão para o seu texto. Seria interessante citar novamente sua referência, no desenvolvimento, trazendo a relação do monitoramento defendida por você (e pelo livro).

Fonte: as autoras (2023)

Este método valoriza a produção da aluna, oferecendo orientações claras para aprimorar o texto original. Notam-se indícios claros da *correção indicativa*, conforme proposto por Ruiz (2001), onde a professora marca nas margens os pontos que necessitam de correção, sem interferir diretamente na estrutura textual original.

Além da correção indicativa, observam-se outras formas de intervenção da professora, como a *correção resolutiva*, na qual há a reescrita de frases inteiras para corrigir os erros identificados. Segundo Ruiz (2001), esta abordagem implica na separação do texto em partes aceitáveis e não adequadas, sendo as últimas modificadas de acordo com a visão do professor. Esta correção resolutiva ocorre após o texto, iniciando-se com a palavra “Sugiro...”, refletindo a perspectiva da professora na eliminação das inadequações.

Adicionalmente, é possível identificar vestígios da correção *textual-interativa*, onde a professora realiza comentários extensos tanto na margem esquerda superior quanto inferior do texto da aluna. Esses comentários não só motivam a aluna, destacando a importância de suas referências na construção do texto, como também oferecem sugestões para embasar o desenvolvimento textual, como mencionar o filme *Her*, por exemplo. Segundo Ruiz (2001), a correção textual-interativa inclui comentários mais elaborados na margem ou após o texto, que podem assumir a forma de pequenas notas ou bilhetes.

Ao analisar o corpus, é evidente que a abordagem adotada pela professora indica um paradigma inovador na correção textual. Embora a maioria das correções realizadas por professores de Língua Portuguesa se baseie nas abordagens indicativa e resolutiva propostas por Ruiz (2001), a inclusão de práticas interativas sugere uma preocupação em promover um ambiente de aprendizagem colaborativo e inclusivo. Esta metodologia não apenas auxilia na correção dos aspectos formais do texto, mas também fomenta a autonomia do aluno ao encorajar a reflexão crítica sobre seu próprio processo de escrita.

No contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa, conforme discutido por autores como Ferreiro (2001), Vygotsky (1984) e Macedo (2005), a correção textual ganha uma dimensão mais ampla. A inclusão não se limita apenas à adaptação física ou curricular, mas também à valorização das múltiplas formas de expressão dos/as alunos/as. Nesse sentido, a correção textual deve considerar não apenas os aspectos formais da linguagem, mas também os fatores de textualidade e a capacidade do aluno de se expressar de maneira significativa.

Portanto, ao incorporar teorias de correção textual e práticas inclusivas, esta pesquisa não apenas contribui para o aprimoramento das práticas pedagógicas na correção de textos escritos, mas também proporciona sugestões sobre como promover um ambiente de aprendizagem que valorize a diversidade e fortaleça a autonomia dos alunos no processo de escrita acadêmica e criativa. A seguir, visualizaremos como essas intervenções influenciaram o processo de escrita da aluna e contribuíram para o aprimoramento do texto.

Para muitos, corrigir um texto significa tratá-lo como um produto finalizado: o/a aluno/a produz sua versão e o professor a revisa, reformulando partes conforme seu entendimento.

Essa abordagem frequentemente se limita a correções indicativas ou resolutivas, onde o professor assume que a língua pode ser ensinada como um conjunto de regras estáticas, independentemente de contextos de uso. Nessa perspectiva, o professor reescreve o texto do aluno de acordo com suas próprias normas, sem abrir espaço para negociação ou diálogo construtivo entre professor e aluno sobre o processo de escrita.

As análises realizadas nos textos dos/as alunos/as muitas vezes revelam que a maioria dos professores ainda concebe a língua dentro de uma tradição gramaticalista, onde o foco está nas regras e classificações abstratas, relegando as variedades linguísticas e os usos sociais da linguagem a segundo plano. Bagno (2007), ao enfatizar a língua como uma atividade social, destaca a importância da interação entre falantes e o reconhecimento das diversas formas de expressão linguística.

No contexto específico deste estudo, encontramos indícios claros de uma *abordagem textual-interativa*. Aqui, a professora não apenas corrige, mas também colabora com a aluna, sugerindo ajustes que enriquecem o texto e lhe conferem maior credibilidade. Esse tipo de interação não apenas melhora o produto final, mas também promove um ambiente de aprendizagem mais dinâmico e participativo.

No que tange à inclusão, autores como Ferreiro (2001), Vygotsky (1984) e Macedo (2005) destacam a importância de uma educação que reconheça e valorize a diversidade linguística e cultural dos estudantes. A correção textual, quando feita de maneira inclusiva, não apenas respeita as diferentes formas de expressão dos alunos, mas também as utiliza como recursos para o desenvolvimento de suas competências linguísticas e reflexivas.

Em síntese, este estudo não apenas analisa as práticas correntes de correção textual, mas também propõe uma reflexão crítica sobre como essas práticas podem ser transformadas para promover uma educação mais inclusiva e eficaz. A abordagem interativa e participativa aqui defendida visa não apenas corrigir erros, mas também capacitar os alunos a se tornarem escritores mais reflexivos e autônomos em um mundo diversificado e globalizado.

A abordagem textual-interativa adotada neste estudo não apenas influencia a qualidade final do texto corrigido, mas também tem um impacto profundo no processo de aprendizagem da aluna. Ao invés de simplesmente corrigir erros de forma unilateral, a professora engaja a aluna em um diálogo construtivo sobre seu texto, estimulando-a a refletir criticamente sobre suas escolhas linguísticas e argumentativas. Esse tipo de interação não só melhora o produto final, mas também fortalece a autonomia da aluna na revisão e edição de seus próprios textos.

Ao ser incentivada a considerar sugestões de melhoria e a justificar suas decisões textuais, a aluna desenvolve habilidades metacognitivas essenciais para a escrita acadêmica e profissional. Ela aprende a avaliar seu próprio trabalho de maneira mais crítica e a buscar constantemente aprimoramento em suas habilidades linguísticas e comunicativas.

Além disso, a abordagem interativa proporciona à aluna um ambiente seguro para experimentar diferentes estilos e estratégias de escrita. Ao receber um retorno construtivo e encorajador, ela se sente motivada a explorar novas ideias e a expandir suas capacidades expressivas. Isso contribui significativamente para sua confiança como escritora e sua disposição para se engajar ativamente no processo de aprendizagem.

No contexto da Educação Inclusiva em Língua Portuguesa, a abordagem interativa também promove a valorização das diversas formas de expressão linguística e cultural dos alunos. Ao reconhecer e respeitar a diversidade de backgrounds linguísticos dos estudantes, a professora não apenas enriquece o ambiente de aprendizagem, mas também fortalece o senso de identidade e pertencimento dos alunos em sala de aula.

Adicionalmente, a interação constante entre a professora e a aluna durante o processo de correção textual fomenta um relacionamento colaborativo e de confiança mútua. Esse vínculo positivo é fundamental para o desenvolvimento acadêmico e pessoal da aluna, pois ela se sente apoiada e encorajada a explorar seu potencial máximo como escritora e aprendiz.

Por fim, a metodologia participativa e colaborativa adotada neste estudo não apenas transforma as práticas de correção textual, mas também contribui para uma educação mais humanizada e centrada no aluno. Ao colocar a aluna no centro do processo de aprendizagem e encorajá-la a ser protagonista de seu próprio desenvolvimento, a abordagem interativa abre caminho para um aprendizado significativo e duradouro.

DIÁLOGOS (IN)CONCLUSIVOS

O processo de correção textual desempenha um papel crucial na construção do conhecimento do aluno sobre os princípios da produção textual escrita. Quando um texto é revisado por um professor, o aluno passa a identificar o que está adequado e inadequado em diversos aspectos de sua escrita, facilitando seu desenvolvimento e aprimoramento na comunicação escrita.

Durante a presente pesquisa, exploramos pressupostos teóricos que orientam o processo de correção, destacando o Estruturalismo e o Funcionalismo. O Estruturalismo, fundamentado nas ideias de Saussure, concebe a língua como um sistema de signos onde o texto é visto como um produto finalizado. Em contraste, o Funcionalismo, especialmente através da Linguística Textual, entende o texto como um processo dinâmico, onde o sentido é construído na interação entre o texto e seu contexto de uso.

Com base nessas correntes teóricas e na perspectiva de Ruiz (2001), investigamos os diferentes tipos de correção textual presentes na produção de uma aluna do 3º ano do Ensino Médio em uma escola pública da Paraíba. Entre os quatro tipos de correção discutidos (indicativa, resolutive, textual-interativa), observamos uma abordagem inovadora que valoriza o sujeito e o texto como produtores de sentido, ao invés de simplesmente corrigir erros de forma tradicional.

É importante ressaltar que, embora tenhamos identificado três tipos de correção durante a análise (indicativa, resolutive, textual-interativa), não encontramos evidências do tipo classificatório. Essa constatação revela não apenas a diversidade de abordagens possíveis na correção textual, mas também a evolução para metodologias mais reflexivas e participativas no ensino da escrita.

Espera-se que esta pesquisa contribua significativamente para o meio acadêmico, especialmente para professores que frequentemente realizam

correções textuais. Além disso, impacta diretamente a prática pedagógica na escola básica, preparando futuros professores de Letras para lidar com eficácia com o processo de correção textual em suas futuras carreiras docentes. Ao oferecer uma compreensão mais profunda dos tipos de correção e suas aplicações, esta pesquisa visa capacitar os professores a escolher e implementar estratégias mais eficazes e adequadas ao contexto de aprendizagem dos alunos.

Ao analisar profundamente os diferentes tipos de correção textual durante este estudo, tornou-se evidente que cada abordagem não apenas reflete uma visão distinta sobre o ensino da escrita, mas também influencia diretamente a aprendizagem dos alunos. A correção indicativa, por exemplo, ao destacar os problemas sem necessariamente oferecer soluções imediatas, pode incentivar os alunos a refletirem de forma mais crítica sobre seus próprios textos. Isso os capacita a desenvolver habilidades de revisão autônoma, essenciais para a melhoria contínua de suas competências escritas.

Por outro lado, a correção resolutive, ao reformular partes significativas do texto do aluno, pode ser vista como uma intervenção mais direta e instrutiva. Embora possa ajudar os alunos a entenderem melhor as expectativas de linguagem e estrutura, corre o risco de reduzir a autonomia do aluno na revisão de seus próprios textos. Nesse sentido, a abordagem textual-interativa emerge como uma alternativa promissora, pois não apenas fornece feedback detalhado, mas também promove um diálogo construtivo entre professor e aluno, incentivando a cooperação e a reflexão mútua.

Além da análise dos métodos de correção, é crucial considerar o impacto da correção textual no desenvolvimento das competências linguísticas e na formação crítica dos alunos. Através da prática reflexiva e da revisão colaborativa, os alunos não apenas melhoram suas habilidades de escrita, mas também aprendem a valorizar diferentes perspectivas e aprimorar suas capacidades argumentativas.

Finalmente, a presente pesquisa não apenas destaca a importância da correção textual como uma ferramenta educacional fundamental, mas também sublinha a necessidade contínua de reflexão e adaptação das práticas pedagógicas para melhor atender às necessidades e potencialidades individuais dos alunos. Ao implementar abordagens mais inclusivas e reflexivas, podemos construir um ambiente educacional mais equitativo e enriquecedor para todos os estudantes.

REFERÊNCIAS

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico**: o que é, como se faz. 52. ed. São Paulo: Editora Loyola, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, DF, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 07 jul. 2024.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras**. São Paulo: Cortez, 2001.

FONSECA, M. M. **Metodologia da pesquisa educacional**. São Paulo: EPU, 2002.

MACEDO, Roberto Sidnei. **Letramento escolar**: diferentes abordagens. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

MOREIRA, Darlene; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

RUIZ, Eliana Donaio. **Como corrigir redações na escola**. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. **Curso de linguística geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SERAFINI, Maria Teresa. **Como escrever textos**. 6. ed. São Paulo: Editora Globo, 2001.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores. São Paulo: Martins Fontes, 1984.